

---

## VÉSPERAS PASCAIS COM PROCISSÃO À FONTE

### BATISMAL:

### CELEBRAR A MEMÓRIA DAS APARIÇÕES DO RESSUSCITADO E A DIGNIDADE DO BATISMO

**The Easter Vespers with procession to the baptismal font:  
Celebrate the memory of the apparitions of the risen Lord and the dignity  
of Baptism**

*Danilo César dos Santos Lima \**

**RESUMO:** Este artigo busca desvendar o que vem a ser o rito de procissão às fontes batismais nas Vésperas Pascais, citado pela Instrução Geral da Liturgia das Horas. Tal rito, que não consta na estrutura celebrativa da Liturgia das Horas, remonta ao período medieval quando, na Basílica São João de Latrão, se realizavam tais procissões ao Batistério. A análise das fontes litúrgicas do período revela a riqueza dessa liturgia estacional e elucida o insuficiente artigo 213 da referida Instrução.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória pascal, Batismo, Liturgia das horas, Vésperas pascais, Batistério de São João de Latrão.

**ABSTRACT:** This article seeks to discover what turns out to be the rite of procession to the baptismal font in the Easter Vespers, cited in the General Instruction of the Liturgy of the Hours. This rite, which is not in the framework of the celebration of the Liturgy of the Hours, dates back to medieval times when, in St. John Lateran Basilica, such processions to the Baptistery were held. The analysis of the liturgical sources of this period reveals the richness of this seasonal liturgy and clarifies the insufficiency of Article 213 to the referred Instruction.

**KEYWORDS:** Paschal memory, Baptism, Liturgy of the Hours, Easter Vespers, Baptistery of St. John Lateran Basilica.

---

\* Instituto de Filosofia e Teologia Dom João Resende Costa, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (Belo Horizonte, MG). Artigo submetido a avaliação no dia 15/07/2011 e aprovado para publicação no dia 02/08/2011.

## ***Introdução: as Procissões batismais das Vésperas pascais***

O capítulo IV da Instrução Geral da Liturgia das Horas (IGLH)<sup>1</sup>, que trata da celebração dos Mistérios do Senhor, em seu artigo 213, fala da procissão à fonte batismal, como parte da Liturgia do Domingo de Páscoa:

Todos dizem as Laudes do Domingo da Ressurreição. Convém que as Vésperas sejam celebradas de modo particularmente solene, para festejar a tarde deste dia tão sagrado e comemorar as aparições do Senhor a seus discípulos. Conserve-se com o maior empenho, onde estiver vigorando, a tradição de celebrar no dia da Páscoa as Vésperas batismais, em que se caminha em procissão até a fonte batismal, ao canto de salmos<sup>2</sup>.

O artigo da IGLH não relata um rito novo, pois estimula a prática de tal costume, “onde estiver vigorando”, o que faz supor ser uma herança da Tradição da Igreja. Menciona ainda o tempo, “vésperas”, “no dia da Páscoa”; o motivo da celebração, “comemorar as aparições do Senhor a seus discípulos”; e o modo de celebrar, “em que se caminha em procissão até a fonte batismal, ao canto de salmos”. Mas as indicações não parecem suficientes, pois a celebração da Liturgia das Horas não inclui um esquema ritual como este<sup>3</sup>.

As raízes históricas mais profundas desta celebração remontam ao século IV, em Jerusalém, onde se reconhece semelhante celebração com procissões aos lugares sagrados. De lá, supõe-se que o rito tenha sido assimilado e reelaborado pela Igreja de Roma, e perdurou provavelmente até a baixa Idade Média. Do século XII temos um precioso testemunho, o Ritual dos Ofícios da Igreja de Latrão (OOL)<sup>4</sup>, escrito para o cabido dos cônegos regulares de Santo Agostinho.

Esta pesquisa busca revelar um rito da Liturgia das Horas desconhecido pela maioria daqueles que a celebram: a Procissão à Fonte batismal nas Vésperas pascais<sup>5</sup>. O conhecimento deste ritual de Latrão, sobre o qual o

<sup>1</sup> A partir deste ponto, as siglas serão indicadas à frente da referida expressão, entre parênteses, no corpo do texto.

<sup>2</sup> “Instrução Geral da Liturgia das Horas”, n. 213, in *Ofício Divino conforme o Decreto do Concílio Vaticano II e promulgado pelo Papa Paulo VI*, Tradução para o Brasil da segunda Edição Típica da Liturgia das Horas, segundo o rito romano, 1. Tempo do Advento e Tempo do Natal, Petrópolis / São Paulo: Vozes / Paulinas / Paulus / Ave Maria, 1999, p. 70.

<sup>3</sup> Esta parece ser uma falha da Instrução: incentivar um rito interessante não contemplado na própria estrutura celebrativa do manual. O mesmo se verifica em relação ao Lucernário, citado no artigo 39 da mesma Instrução através do venerável hino Luz alegre (*Fós hiláron*). Neste caso, a expressão “fazemos nossos os sentimentos das Igrejas orientais”, não corresponde à objetividade da Liturgia, nem sequer à sua sacramentalidade, pois esta realiza por meio de sinais aquilo que significa, cf. SC 7.

<sup>4</sup> Cf. *Bernhardi Cardinalis et Lateranensis Ecclesiae Prioris, Ordo Officiorum Ecclesiae Lateranensis*, Col. Historische Forschungen und Quellen, 02-3, ed. L. FISCHER, München: F.P. Datterer & Cie, 1916. (A partir de agora citado pela sigla OOL.)

<sup>5</sup> A escolha feita pelas Vésperas Pascais se explica não só pelo artigo 213 da IGLH, como também pela preciosa observação do estudo de S. de Blaauw: “O modo pelo qual os

artigo 213 da *IGLH* se baseia, leva a reconstruir detalhes celebrativos importantes, mas não informados na Instrução. Além disso, a partir dos antigos documentos que complementam as informações, busca-se perceber o sentido litúrgico, teológico e espiritual de tais procissões a partir dos textos que as acompanhavam, o espaço celebrativo e o contexto litúrgico.

## ***I. Um rito singular para a Liturgia das Horas***

A breve descrição ritual do citado artigo da *IGLH* fala das procissões às fontes como elemento característico da celebração. Pode espantar aos leitores acostumados com celebrações mais formais, ou circunscritas a uma pequena capela conventual, a ideia de se fazerem deslocamentos durante o ofício. Entretanto, o conhecimento da Tradição mais antiga da Igreja revela exatamente o contrário: vivas celebrações que expressavam, em formas dinâmicas e envolventes, o mistério do Senhor. Tais celebrações, porém, não descuidavam da necessária piedade e solenidade que deviam permear as ações litúrgicas.

### ***1. As procissões e suas raízes antropológicas***

As procissões fazem parte do patrimônio comum das religiões<sup>6</sup> e são definidas como:

movimento solene, linear e ordenado de um grupo de pessoas, através de um espaço bem caracterizado, até uma destinação determinada, para dar testemunho, levar um objeto de devoção, cumprir um ritual, conquistar méritos ou para visitar um lugar sagrado<sup>7</sup>.

Por meio delas se revelam importantes características humanas. Uma das mais clássicas e conhecidas definições do ser humano é *homo erectus*, que o distingue dos animais quadrúpedes. O caminhar é uma das suas atividades mais importantes. Deslocar-se é, em muitos sentidos, ato de liberdade e de vontade, por meio do qual o ser humano entra em relação com o mundo e com os outros. Em sentido positivo, revela atração e fascínio. Em

---

cônegos efetuavam a procissão da semana após a Páscoa é provavelmente representativo para todas as procissões vespertinas dirigidas a estações fora do coro dos cônegos”, cf. S. DE BLAAUW, “Cultus et Decor. Liturgia e architettura nella Roma tardoantica e medioevale”, in *Studi e Testi* 355-356 (1994), Città del Vaticano: Biblioteca Apostolica Vaticana, p. 290.

<sup>6</sup> Cf. N. TURCHI, “Processione”, in *Enciclopedia italiana di scienze* 28, Roma: Lettere ed Arti, 1935, pp. 273-274; A.N. TERRIN, “La processione come archetipo antropológico. Riflessioni fenomenologiche e storico-religiose”, *Rivista Liturgica* 79 (1992) 453.

<sup>7</sup> R.L. GRIMES, “Processione”, in *Enciclopedia delle Religioni*, 2. *Il Rito. Oggetti, atti, cerimonie*, ed. Mircea Eliade, Milano: Editoriale Jaca Book, 1994, p. 433.

sentido negativo pode conotar desvio, repulsa, distanciamento, fuga. Traduz também, sob o viés psicológico, o interior da pessoa. Um indivíduo que anda “cabisbaixo” é aquele que caminha desanimado, triste, abatido<sup>8</sup>. Andar ereto já denota o contrário: bem-estar, segurança, altivez. O caminhar revela ainda outras disposições ou expressões do ser humano: elegância, truculência, desleixo, sensualidade, pressa, tranquilidade, pavor, etc.

### 1.1. Danças e procissões – raízes comuns

Mas andar, caminhar, se locomover, alcança ainda níveis onde o ser humano se supera e ultrapassa os limites contingentes da vida. Neste ponto, o deslocamento processional encontra parentesco com a dança, enquanto atividade artística, mas também festiva e religiosa. A dança é sinal desse movimentar-se que desabrocha em formas gratuitas de beleza, leveza e prazer<sup>9</sup>. Dançar é de alguma forma transportar-se para o topo do próprio ser, onde o encontro com a sensação de plenitude alcança altos níveis de criatividade, expressão e realização humana. Na dança, o corpo fala intencionalmente, comunicando sua experiência mais íntima, ou mais externa, para além de si mesmo, no encontro com o outro<sup>10</sup>. A dança é uma forma elaborada e sofisticada de procissão, ou inversamente, a procissão é uma forma primitiva e elementar da dança. Muitas culturas associam ambas, o que leva a supor uma raiz comum<sup>11</sup>.

O deslocar cultural (procissão, peregrinação), como expressão de busca, confere ao culto e à esfera religiosa uma dramaticidade singular. Chamados de ritos deambulatórios, ele exprime o desejo do homem de encontrar fora de si mesmo o sentido da existência. Pode ser o caminhar em procissão das religiões mais tradicionais, ou até as experiências de peregrinações a santuários, como o caminho de Santiago de Compostela, na Espanha, que ganhou atual importância e notoriedade. No Brasil, o interesse turístico ou religioso de se revitalizarem trilhas e caminhos historicamente importantes, como a Estrada Real, ou o percurso do Beato Anchieta revelam o apelo ainda presente de tais ritos na cultura e sociedade pós-moderna.

### 1.2. Semelhanças e distinções

Há que se distinguir a procissão das peregrinações. Ainda que se observem algumas semelhanças, que lhes valem o título de “ritos deambulatórios”, alguns elementos as distinguem:

<sup>8</sup> Cf. Lc 24,17.

<sup>9</sup> Cf. G. VAN DER LEEUW, *La religion dans son essence et ses manifestations: Phénoménologie de la religion*, Paris: Payot, 1970, pp. 366-369.

<sup>10</sup> Cf. J. ALDAZÁBAL, *Simboli e gesti: Significato antropologico biblico e liturgico*, Col. Formazione degli animatori della celebrazione 3, Torino: Elle di Ci, 1988, pp. 242-243.

<sup>11</sup> Cf. TERRIN, “La processione come archetipo antropologico”, p. 445.

a procissão é um movimento que ruma para um outro local, mas para retornar essencialmente ao ponto de partida, reforçando o sacro ali existente. A peregrinação, ao contrário, é um êxodo – por assim dizer – ‘sem retorno’. Predomina nela o movimento de poder chegar além, lá onde se descobre uma realidade sobre-humana. A peregrinação pode ser feita em perfeita solidão, como acontece com os grandes peregrinos do Oriente. A procissão, ao invés, é sempre um fato comunitário, que envolve a todos e cuja força está essencialmente no movimento do grupo<sup>12</sup>.

Enquanto a procissão valoriza o percurso, a peregrinação objetiva o ponto de chegada, o lugar que se busca. No entanto, as estações são importantes para as procissões, assim como o percurso não o deixa de ser para as peregrinações, muitas dessas também realizadas em grupos<sup>13</sup>.

São elementos importantes das procissões: os pontos de partida e de chegada, o percurso, o senso comunitário; o ordenamento que se demonstra pelo conhecimento do trajeto, por certa hierarquização e serviços organizados; o caráter popular, pois as procissões são celebrações acessíveis, lúdicas e envolventes, acompanhadas de músicas, orações e símbolos; o envolvimento da pessoa inteira, ou seja, em todas as suas dimensões: física, racional, afetiva e espiritual, resultando, não raro, em atitudes de abandono, desapego, autossuperação; promovem o reencontro consigo mesmo, com os demais que acompanham, com Deus. A morte e a vida, ou o renascer, em sentidos extremos também são expressos pelos ritos deambulatórios, onde quem parte não retorna mais, volta outro, transformado pelo caminho percorrido. Tais ritos remetem ainda às procissões de lustração de sentido penitencial e purificador<sup>14</sup>. Entre os antigos romanos, caminhar em procissão em torno de determinado lugar o purificava. Associados ao simbolismo da água, tais ritos lustrais ganhavam força, pois manifestavam mais claramente o sentido purificador que se pretendia. Eram também ritos de passagem, donde se pode deduzir o seu papel iniciático<sup>15</sup>.

## **2. O sentido bíblico da procissão**

O Antigo Testamento oferece vários testemunhos a respeito dos ritos deambulatórios do povo de Israel. Dentre as formas, se encontram as peregrinações, as procissões e os cortejos. Já o Novo Testamento não oferece

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 454.

<sup>13</sup> As semelhanças e diferenças entre procissões e peregrinações nem sempre são tão nítidas. Num caso e noutro os elementos se interpenetram. Considero ambas para esta análise.

<sup>14</sup> Cf. A.G. MARTIMORT / A.N. TERRIN, “Les diverses formes de procession dans la liturgie”, *La Maison Dieu* 43 (1955) 42-73.

<sup>15</sup> Cf. J.S. CROATTO, *Esperienza del sacro e tradizioni religiose*, Col. Introduzione 4, Roma: Borla, 2005, p. 355.

nenhuma referência a respeito, restando examinar alguns textos que sugere algum tipo de itinerário iniciático<sup>16</sup>.

## 2.1. Êxodo, no caminho onde nasce e se celebra a Aliança

A primeira referência a que se pode remeter é a caminhada do povo de Deus pelo deserto até a terra prometida (Ex 13,17-14,21). O caminho feito em busca da terra das promessas foi, certamente, uma imigração, sem sentido cultural em si mesmo. Neste percurso, entretanto, se molda a face de uma nação, a partir dos acontecimentos que sucederam. Entre os fatos marcantes, a passagem do Mar Vermelho é fundamental. O povo que se viu acuado entre as margens e os egípcios não podia esperar, de ambos os lados, senão a morte. A intervenção divina fez abrir um caminho de salvação<sup>17</sup>. Outros eventos sucedem no percurso. São relatos da intrincada relação entre Javé e o povo que tomou para si. A Aliança é o fulcro, para o qual converge a narrativa. O Êxodo e seus eventos de tão importantes foram retomados no Antigo e Novo Testamentos como paradigma da experiência do povo da Bíblia<sup>18</sup>. Do mesmo modo, foram relidos à luz da experiência cristã nos evangelhos<sup>19</sup>.

## 2.2. Salmos, celebrar a Aliança no caminho <sup>20</sup>

O livro dos salmos traz uma seção de hinos, chamados “Cânticos das subidas”<sup>21</sup>. Tais hinos eram entoados enquanto os peregrinos rumavam para Jerusalém. Alguns elementos ligados à peregrinação sobressaem nos textos. O salmista se declara “peregrino de Mosoc, acampado nas tendas de Cedar” (Sl 119,4); confessa sua confiança em Deus enquanto caminha (Sl 120,7-8); alegra-se com a ida para Jerusalém (Sl 121); exalta o Monte Sião, ponto de chegada (Sl 124,1-2) e cita o caminho como metáfora da relação de Aliança (Sl 124,4-5; 127); compara os vigias da cidade santa com Javé (Sl 129,6-7). Alguns destes salmos eram usados em celebrações com os peregrinos: a ceia na cidade de Jerusalém (Sl 132), ou a saudação final e despedida dos peregrinos (Sl 133).

<sup>16</sup> Neste artigo, por motivo de competência e de espaço, me limito a um comentário breve do Êxodo, como evento significativo para as procissões, de alguns salmos e evangelhos. Uma boa análise se encontra em: R. DE ZAN, “Le processioni: modelli biblici. Le deambulazioni sacre nella Bibbia”, *Rivista Liturgica* 79 (1992) 478-495.

<sup>17</sup> Cf. A. WENIN, *Entrare nei salmi*, Col. Studi Biblici 41, Bologna: Dehoniane Bologna, 2002, p. 6.

<sup>18</sup> É o caso do “Livro da Consolação de Israel”, do profeta Isaías 40-55, onde a volta do povo exilado é comparada ao Êxodo.

<sup>19</sup> Cf. Mt 2,13-23; 4,1-11.

<sup>20</sup> Convém advertir o leitor para o uso das citações dos salmos segundo a numeração da liturgia (Septuaginta).

<sup>21</sup> Cf. Sl 119-134.

Outros salmos, não pertencentes ao grupo dos “Cânticos das subidas”, revelam alguns traços celebrativos. O Salmo 117, que traz o título “Liturgia para a festa das tendas”, também servia para a Páscoa. É um salmo no qual se espelha a dinâmica celebrativa do templo, com coros em diálogo, ações rituais, aclamações, símbolos e procissões. Sobre isto, reza o versículo 27b: “Formai a procissão com ramos até os ângulos do altar”, como indicação clara da existência de procissões nas liturgias do templo. Já o salmo 67 demonstra o sentido processional da história de Israel, celebrando ao modo memorial os feitos de Deus, operados no caminho. Entreveem-se elementos celebrativos, como os versículos 25-26: “Viram as tuas procissões, ó Deus, as procissões do meu Deus, do meu rei, no santuário: os cantores à frente, atrás os músicos, no meio as jovens, soando tamborins”.

### 2.3. Evangelhos: resíduos rituais judaicos e itinerários iniciáticos

O Novo Testamento não narra nenhum rito deambulatório propriamente cristão. As poucas referências reportam ao contexto cultural judaico<sup>22</sup>. Um exemplo é a parábola das dez moças (Mt 25,1-13). O relato deixa entrever traços do rito judaico do matrimônio, onde a noiva era acompanhada por suas amigas, em um cortejo, até a casa do noivo. Esse rito, provavelmente, foi mantido por algum tempo pelos cristãos da Palestina<sup>23</sup>. Mas o sentido principal da parábola é a vigilância, pois o “noivo” pode surpreender a Igreja (dez moças), com sua chegada. Pode-se, entretanto, interpretar que o cortejo nupcial revela que a Igreja vigilante é também peregrina; enquanto e porque vigia, caminha na direção do Cristo que virá.

Também encontramos textos que sugerem algum tipo de itinerário batismal, como aqueles no evangelho de João. O primeiro deles é o encontro de Nicodemos com Jesus no meio da noite (Jo 3,1-21). O discípulo oculto atravessa a escuridão para se encontrar com o Mestre<sup>24</sup>. Mas é a cura do cego de nascença (Jo 9) que expõe melhor o caráter de itinerário, mais próximo do interesse em analisar um rito processional ligado às fontes<sup>25</sup>. O relato tem alguns acenos importantes: Jesus foi ao cego e operou um sinal. Nesta perícopes dá-se o encontro com Jesus, o caminho até a piscina de Siloé, a mudança de vida (visão). Aquele que nascera cego, então enxergava, isto é, nasceu de novo. Os concidadãos o reconheceram renovado. Segue longa descrição do testemunho que o cego dera a respeito de Jesus, do

<sup>22</sup> Cf. DE ZAN, “Le processioni: modelli biblici”, p. 478.

<sup>23</sup> Cf. P. DACQUINO, *Storia del matrimonio cristiano alla luce della Bibbia*, 1. La celebrazione del Matrimonio, (Leuman) Torino: Elle di Ci, 1984, p. 181.

<sup>24</sup> A perícopes inicia relatando a noite como momento e “lugar” do encontro entre Jesus e Nicodemos, e termina falando da luz. O relato é tipicamente batismal.

<sup>25</sup> O texto tem como pano de fundo a Festa das Tendias. A Bíblia de Jerusalém observa que da piscina de Siloé se retirava água, recordando as bênçãos messiânicas. Cf. *Bíblia de Jerusalém*, ed. Paulo Basaglia e José Bortolini, São Paulo: Paulus, 2006, p. 1867.

sinal operado e das rupturas que sofreu. A dramaticidade e a movimentação da narrativa são grandes. Ao final, o cego retornou a Jesus e viu a verdadeira fonte de Siloé, isto é, o próprio Enviado, e confessou sua fé.

### **3. Egéria, um testemunho antigo de Ofício com procissões**

O registro histórico mais antigo e eloquente a respeito das procissões após as Vésperas pascais é de Egéria. O texto da peregrina espanhola retrata a liturgia jerosolimitana no século IV. Nos relatos a respeito das vésperas celebradas em Jerusalém, há muitas referências às procissões aos lugares santos, durante os ofícios. Certamente as descrições não foram copiadas pela Igreja de Roma, mas serviram como inspiração para as Vésperas pascais em Latrão<sup>26</sup>. Os relatos relativos à oitava de Páscoa oferecem preciosos dados:

Naquele primeiro dia, o Domingo, vai-se em procissão até a igreja maior, isto é, ao Martyrium, e também segunda-feira e terça-feira, mas é sempre após a despedida do Martyrium que se vai para a Anástasis com hinos. Quarta-feira, porém, vai-se em procissão ao Eleona, quinta-feira à Anástasis, sexta-feira a Sião, sábado ao ante Crucem e no Domingo, isto é, na oitava, vai-se de novo à igreja maior, isto é, ao Martyrium. Nestes oito dias pascais, todos os dias, após a refeição, o bispo com todo o clero e todos os neófitos, isto é, os que foram batizados, todos os aputactitae, homens e mulheres, e também todos aqueles de entre o povo que o queiram, sobem ao Eleona. Dizem-se hinos, fazem-se orações tanto na igreja, que está no Eleona, onde está a gruta em que Jesus instruía os discípulos, como também no Imbomón, isto é, no lugar de onde o Senhor subiu aos Céus. E depois de se dizerem salmos e de se fazer a oração, desce-se dali até a Anástasis, com hinos, à hora do lucernário. Faz-se isto durante oito dias. Mas, no Domingo de Páscoa, após a despedida do lucernário, isto é, na Anástasis, todo o povo conduz o bispo com hinos a Sião. Ao chegar-se ali, dizem-se hinos apropriados ao dia e ao lugar, faz-se uma oração e lê-se o passo do Evangelho, em que naquele mesmo dia o Senhor, no mesmo lugar, em que está agora aquela igreja do Sião, com as portas fechadas, entrou no meio dos discípulos, isto é, quando um dos discípulos não estava ali, isto é, Tomé; e quando este regressou e os outros Apóstolos lhe disseram que tinham visto o Senhor, ele disse: “Se não vir, não creio”. Depois desta leitura, faz-se de novo uma oração, abençoa-se os catecúmenos e os fiéis, e cada qual regressa à sua casa, já tarde, cerca da segunda hora da noite (vinte horas)<sup>27</sup>.

Os elementos que o texto oferece demonstram que havia uma movimentação de toda a assembleia, dos ministros, dos catecúmenos e procissão com

<sup>26</sup> O simples confronto entre os ritos do *OOL* e as descrições de Egéria permite reconhecer um parentesco, mas não uma imitação.

<sup>27</sup> EGÉRIA, “Diário de viagem”, in *Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*, ed. José de Leão Cordeiro, Fátima / Coimbra: Secretariado Nacional de Liturgia / Gráfica de Coimbra, 2003, p. 459.



as várias estações aos lugares santos. Sobressai no relato o motivo da celebração vespertina do Domingo de Páscoa: a manifestação do Senhor aos discípulos, o testemunho da comunidade e a prova de fé do Apóstolo Tomé.

#### **4. Celebrar a fé e a face peregrina da Igreja**

Na atual liturgia latina são muitas as celebrações que incluem algum tipo de procissão. A celebração eucarística tem procissões de abertura, do evangeliário, do ofertório, da comunhão; o Batismo tem a procissão de ingresso no recinto celebrativo, procissão à fonte batismal; no Matrimônio, o ingresso e a saída dos noivos; a reconciliação já conheceu formas processionais como expressão penitencial. Também ritos como o do exorcismo, dos funerais, de Corpus Christi, demonstram a vitalidade desse rito. Algumas celebrações especiais como Domingo de Ramos, Quinta-Feira Santa e Apresentação do Senhor incluem procissões como parte importante e peculiar dessas ocasiões. Não se podem esquecer as diversas procissões da piedade popular, em ocasiões como Semana Santa e festas de padroeiros, que atestam igualmente a sua força. Em geral, todas revelam o mesmo sentido eclesial, comunitário, festivo, lúdico e dramático. Simbolizam a Igreja peregrina que caminha na história rumo ao Reino definitivo que se aguarda e que se busca. Expressam o sentido transcendente da experiência religiosa cristã, diante das contingências da vida, do testemunho e da missão: não se encontra aqui, mas em Deus, a morada definitiva, a realização plena do ser humano.

## **II. Vésperas pascais na liturgia do Ocidente**

A liturgia romana bem cedo parece conhecer este rito de procissão às fontes<sup>28</sup>. Antigos documentos relatam a existência de tais ofícios na Basílica de São João de Latrão, tornando possível reconhecer traços dos ofícios de Jerusalém, dentre os quais as procissões e as diversas estações. Estas celebrações estacionais eram realizadas ora pelo cabido da Igreja de Latrão, ora pela cúria papal, com alguma adaptação. De qualquer modo, permanecem seus elementos característicos: procissões, estações e sentido pascal. Todavia, não se sabe exatamente se tais ofícios existiram em outras igrejas no Ocidente, a não ser por duas cópias do *OOL* encontradas em outras bibli-

<sup>28</sup> O documento mais completo ao qual se tem acesso e que testemunha esta importante prática celebrativa é o *OOL*. O ritual pode ser conhecido através de três manuscritos, dos quais a cópia mais aproximada é o “Cod. lat. membr. 1482”, encontrado na k. k. Hofbibliothek (Biblioteca do Palácio do imperador e rei da Áustria – Hungria), em Viena. A sua autoria é atribuída ao prior do claustro da Basílica de São João de Latrão, Cardeal Bernardo do Porto, que viveu no século XII.

otecas europeias. Tais cópias trazem algumas modificações como as substituições da palavra “papa” por “bispo” ou por “sacerdote”. Estas revelam uma tentativa de adaptação e levam a supor a existência de tais ofícios fora de Roma.

### **1. Descrição das Procissões batismais dos ofícios vespertinos do século VII ao século XI**

As Procissões batismais depois das Vésperas pascais remontam ao quarto século, seja por inspiração da liturgia jerosolimitana, ou mais tardiamente pela cultura bizantina que influenciou bastante a Roma dos séculos VI e VII<sup>29</sup>. Antigos documentos como o *Ordo Romanus XXVII*, 67-94 e o Sacramentário Gregoriano-Adrianeu (*GrH* 389-391) atestam, já no século VII, este uso litúrgico<sup>30</sup>. O rito constava, em primeiro lugar, de uma estação diante do crucifixo, em uma capela lateral, na Igreja de São João de Latrão, onde começavam o canto do *Kyrie*: “Em momento oportuno, se reúnem na Igreja maior, no lugar onde está o crucifixo, o grupo de cantores com o Bispo e os Diáconos, começam o *Kyrie* e vêm até o altar”<sup>31</sup>. Enquanto cantavam, partiam para a abside, junto ao trono vazio de Pedro, onde tomavam seus lugares e davam início à oração vespertina diante do altar. Após a salmodia<sup>32</sup> e a antífona do cântico evangélico (Mt 28,5): “Sei que procurais Jesus, o crucificado: ressuscitou, aleluia”<sup>33</sup>, o sacerdote dizia a oração: “Concede, Deus onipotente, a nós que celebramos as festas do Domingo da Ressurreição, que pela invocação do teu Espírito, ressurjamos da morte da alma. Por Cristo”<sup>34</sup>. Após a oração, todos se dirigiam às fontes cantando um texto do profeta Sofonias 3,8 harmonizado com Ezequiel 36,25: “No dia da minha ressurreição, diz o Senhor, aleluia, congregarei os povos e reunirei as nações, e derramarei sobre vós uma água pura, aleluia”<sup>35</sup>. Chegando ao batistério, entoava-se o salmo aleluiático 112: “Louvai, ó Servos do Senhor”<sup>36</sup> e mais o salmo 92,1-2, em grego (transliterado no *OR XXVII*, 74): “O Senhor reina”. Em seguida, “Sim, pois o mundo está firme, nunca

<sup>29</sup> Cf. DE BLAAUW, “Cultus et Decor”, p. 192.

<sup>30</sup> Cf. *Ordines Romani 3. Les texts (suite) Ordines XIV-XXXIV*, ed. M. Andrieu, Col. Études et Documents 24, Louvain: Spicilegium Sacrum Lovainense, 1974, pp. 362-372; *Sacramentarium Gregorianum Hadrianum, ses principales formes d'après les plus anciens manuscrits I*, ed. J. Deshusses, Col. Spicilegium Friburgense 16, Fribourg: Éditions Universitaires, 1979, p. 193. (A partir de agora citados pelas siglas *OR3* e *GrH*.)

<sup>31</sup> *OR3*, p. 362.

<sup>32</sup> O *Ordo XXVII*, 67-72, menciona os salmos: 109, 110, 92 e 111, cf. *OR3*, pp. 362-363.

<sup>33</sup> *OR3*, p. 364; *Corpus Antiphonalium Officii 3 – Invitatoria et Antiphonae*, ed. R.J. Hesbert, Col. Fontes 9, Roma: Herder, 1968, p. 469. (A partir de agora citado pela sigla *CAO3*.)

<sup>34</sup> *GrH*, p. 193.

<sup>35</sup> *OR3*, p. 364; *CAO3*, p. 271.

<sup>36</sup> *OR3*, p. 364.

se abalará”<sup>37</sup>. Depois, cantava-se uma antífona, segundo Mt 28,6b: “Vinde e vede o lugar onde fora colocado o Senhor. Aleluia. Aleluia”<sup>38</sup>, e se fazia uma oração conclusiva junto às fontes: “Concedei, Deus onipotente, a nós que celebramos as festas do Domingo da Ressurreição, que mereçamos recompor a alegria que nos foi roubada. Pelo mesmo Cristo”<sup>39</sup>.

Após a oração conclusiva desta terceira estação, seguia a procissão para a capela de São João das Vestes<sup>40</sup>. Enquanto seguiam, cantavam “A pedra que os edificadores rejeitaram, aleluia, foi feita pedra angular; pelo Senhor foi feito e é admirável aos nossos olhos, aleluia, aleluia”<sup>41</sup>. Na capela entoavam o aleluia com o salmo 94. Concluía-se o salmo com o canto da antífona (Mt 28,7): “Depressa, dissei aos discípulos que ressuscitou o Senhor, aleluia”<sup>42</sup>. Depois, fazia-se a oração, sem o *Kyrie*.

A procissão seguia para a capela de Santo André junto à Cruz, local da administração da crisma, acompanhada do canto da antífona do profeta Ezequiel: “Vi água sair do templo pelo lado direito. Aleluia. E todos a que esta água chegou, foram salvos e diziam: aleluia, aleluia”<sup>43</sup>. Nesta capela, destruída no século XVI, era feita a mesma série de orações, concluindo toda a liturgia com a oração: “Concedei, Deus onipotente, que conhecendo a graça do Domingo da Ressurreição, pelo amor do mesmo Espírito ressuscitemos da morte da alma. Por Cristo”<sup>44</sup>.

### 1.1. Primeira estação: o sentido que brota dos textos

Os textos que acompanhavam as procissões são sugestivos. Em geral, eram antífonas cantadas entre uma estação e outra, normalmente extraídas dos evangelhos ou de outros livros das Escrituras. As Vésperas pascais iniciavam com a primeira estação diante da cruz. De lá para a abside se entoava a ladainha *Kyrie eleison*. É a primeira parte da procissão das Vésperas, que depois do século VII já começa a cair em desuso, sobretudo com a presidência do Papa, exigindo uma entrada mais solene<sup>45</sup>. O canto sugere que

<sup>37</sup> No *OR* o texto encontra-se transliterado, cf. *OR3*, p. 364; *Septuaginta. Id est Vetus Testamentum graece iuxta LXX interpretes*, ed. A. Rahlfs, Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2004, p. 102.

<sup>38</sup> *OR3*, p. 364; *CAO3*, p. 531.

<sup>39</sup> *GrH*, p. 193.

<sup>40</sup> Existem duas hipóteses para o título desta capela, dedicada a São João Evangelista. A primeira diz que seria o local onde os neófitos recebiam a veste branca após passarem pelas águas. A segunda diz que nesta capela repousam as vestes do apóstolo, cf. *OR3*, p. 364 (76, nota a). Esta segunda estação não consta no *GrH*, o que pode ser sinal de que foi introduzida posteriormente, cf. DE BLAAUW, “Cultus et Decor”, p. 193.

<sup>41</sup> *OR3*, p. 365; *CAO3*, p. 313.

<sup>42</sup> *OR3*, p. 365; *CAO3*, p. 99.

<sup>43</sup> *OR3*, pp. 365-366; *CAO3*, p. 537.

<sup>44</sup> *GrH*, p. 193.

<sup>45</sup> Cf. DE BLAAUW, “Cultus et Decor”, p. 309.

do início ao fim, as procissões retomavam o sentido da passagem da morte para a vida. A ladainha, perfeitamente ajustada ao primeiro momento, manifestava a vitória do *Kyrios*, o Senhor<sup>46</sup>. O título remete ao Ressuscitado, conforme ensinam os escritos do Novo Testamento<sup>47</sup>. Não mera súplica penitencial, como hoje infelizmente é mal entendido o *Kyrie*, mas confissão de fé e súplica de confiança na ressurreição e na vitória da cruz<sup>48</sup>.

## 1.2. Segunda estação: orientação para o batistério

Durante a salmodia, o *OR XXVII*, 70 parece chamar a atenção para o salmo 92, sublinhando a execução de alguns versos pelos parafonistas e pelas crianças, sobretudo os versículos onde se diz “Teu trono está firme, ó Deus” (2) e “Os rios se elevaram, Senhor” (3)<sup>49</sup>. É já um acento batismal de todo o ofício, uma antecipação da terceira estação, o batistério. Contrastam a firmeza do trono divino e a inconstância, ou ameaça dos rios elevados. O salmo chama a atenção para a ambivalência do Batismo: o poder de Deus (trono) que ressuscitou Jesus e a água (rios) enquanto símbolo da morte.

Da abside para o batistério, a antífona do texto harmonizado de Sofonias / Ezequiel acompanhava o segundo deslocamento. O quadro comparativo revela as modificações operadas nos textos bíblicos, originando a antífona:

Versão integral dos versículos
Sf 3,8: “Por isso, esperai-me – diz o Senhor – no dia em que me erguer como testemunha; pois é minha ordem reunir os povos, congregar os reinos, para derramar sobre eles a minha raiva, toda a força de minha ira. Porque pelo fogo do meu zelo, será consumida a terra inteira”
Ez 36,25: “Derramarei água sobre vós e ficareis puros”
Texto da antífona (harmonização de Sf 3,8 / Ez 36,25)
“No dia da minha ressurreição, disse o Senhor, aleluia, congregarei os povos e reunirei as nações, e derramarei sobre vós uma água pura, aleluia”

<sup>46</sup> Não se trata de uma súplica penitencial, mas um louvor ao Ressuscitado, por sua compaixão.

<sup>47</sup> Cf. At 2,36; 13,33; Hb 1,5; 5,5; Rm 1,4.

<sup>48</sup> Para iniciar um estudo sobre o *Kyrie eleison*: J.A. JUNGSMANN, *Missarum sollemnia*: Origens, liturgia, história e teologia da missa romana, São Paulo: Paulus, 2009, pp. 332-344.

<sup>49</sup> *OR3*, p. 363.

A versão latina aplicou ao texto o sentido pascal dado à antífona, ao traduzir o vocábulo “ἡμέραν” (leia-se: *heméran* = dia) e o substantivo “ἀναστάσεως” (*anastáseos* = elevação, soerguimento, ressurreição) como “*dies resurrectionis*”, isto é, “dia da ressurreição”. Esta harmonização – possível – já operada na Vulgata e assumida na antífona de tal contexto litúrgico, cantada no Domingo de Páscoa, explicita o teor da celebração<sup>50</sup>. Os salmos que antecederam esta segunda procissão tratam da entronização do Messias (Sl 109), do louvor das obras e da justiça divinas (Sl 110) e da vitória do justo (Sl 111). Apresentado como vitorioso nos salmos 109 e 111, o Messias/Justo vai dominar e julgar as nações, tema presente no versículo 8 de Sofonias, mas excluído da antífona a não ser pela “elevação”, que permanece no texto, mas traduzido como “ressurreição”. O contexto escriturístico reforça o tema do julgamento como ressurreição. Em muitos escritos do Antigo Testamento, o levantar-se de Deus para dar a sentença, provocando a debandada dos inimigos, está presente: “Ergue-te, Senhor, e os teus inimigos sejam dispersos, e aqueles que te aborrecem fujam diante de tua face” (Nm 10,35), “Deus se ergue e seus inimigos são dissipados; e fogem da sua face aqueles que o odeiam” (Sl 67,2), “Os povos fogem à voz do teu estrondo, pela tua exaltação, as nações se dispersam” (Is 33,3). No evangelho se encontra o mesmo tema. Em Mt 28,2-4, no relato da ressurreição, lê-se o pavor dos guardas que vigiavam o sepulcro com o “soerguimento” de Jesus na ressurreição.

Conclui-se que a antífona refletia a leitura cristã das Escrituras a partir do mistério da fé e ligava a ação anterior com a estação seguinte, enquanto se dava a procissão. Esta ligação com o batistério ficava mais evidente porque a antífona operou uma inversão no final do versículo do profeta Sofonias, substituindo a sentença de punição por bênção. No texto bíblico lê-se: “para derramar sobre vós a minha raiva, toda a força de minha ira. Porque pelo fogo do meu zelo, será consumida a terra inteira”. Entretanto, na antífona lê-se inserido o texto de Ezequiel: “congregarei os povos e reunirei as nações, e derramarei sobre vós uma água pura”. Desta forma, a liturgia, a partir dos textos, encontrava maior fluência ritual e uma expressão harmoniosa com o ambiente batismal deste ofício.

### 1.3. Terceira estação: o batistério, sepulcro dos cristãos

No batistério prosseguia-se com a celebração. O Salmo 92 era retomado em grego<sup>51</sup>, estabelecendo-se uma ligação com a segunda estação junto à cátedra, onde já fora entoado. A antífona do cântico evangélico, cantada junto

<sup>50</sup> Cf. *OR3*, p. 363; *CAO3*, p. 271.

<sup>51</sup> O fato de encontrar alguns textos transliterados do grego é mais um indício de um possível “parentesco” destas celebrações com os ofícios jerosolimitanos. Isto se deve a uma imigração de cristãos orientais para a península itálica ocorrida entre os séculos VI e VII.

às fontes, proclamava: “Vinde e vede o lugar onde fora colocado o Senhor. Aleluia. Aleluia”<sup>52</sup>. O texto sugere que a fonte batismal era o lugar do sepulcro do Senhor; simultaneamente o lugar de seu Batismo (morte) e de sua glorificação. O mesmo lugar do Batismo dos eleitos era proclamado como sepulcro do Senhor. Isto é, pelo Batismo os cristãos se identificavam com Cristo na morte e ressurreição (Rm 6), donde se segue que a Páscoa do Senhor era igualmente celebrada como Páscoa dos cristãos. Importa reforçar que é o espaço celebrativo (Batistério) que evoca essa associação. Neste sentido, enquanto a liturgia de Jerusalém (relatos de Egéria) insiste na historicidade dos locais sagrados, a liturgia romana opera a economia sacramental da celebração a partir do espaço sagrado, simbólico por natureza.

A segunda antífona, a caminho da capela lateral de São João das Vestes<sup>53</sup>, eram os versículos 22-23, extraídos do Salmo aleluiático 117 como referência direta às solenidades pascaís celebradas no sábado anterior. Desta forma fazia ressonância do próprio mistério da Páscoa e proclamava a vitória de Cristo. Na capela de São João das Vestes entoava-se o salmo 94: “Vinde exultemos no Senhor”<sup>54</sup>. O *OR XXVII*, 76 ressalta o versículo 7 “Se hoje escutardes sua voz”, que era cantado pela *schola*, seguida de uma antífona de Mt 28,7, entoada pelo diácono: “Depressa, dizei aos discípulos que ressuscitou o Senhor, aleluia”<sup>55</sup>. O convite do salmo a escutar a voz do Senhor, seguido da antífona que exprimia o anúncio pascal do anjo, dava a esta estação o sabor de recordação pascal. O rito propiciava viva participação na ressurreição para a Igreja que o celebrava. Depois disso, a oração.

#### 1.4. Quarta estação: capela de Santo André junto à Cruz

Terminada a terceira estação, seguia a procissão para a capela de Santo André junto à cruz cantando a antífona “Vi água sair do templo pelo lado direito. Aleluia. E todos a que esta água chegou, foram salvos e diziam: aleluia, aleluia”<sup>56</sup>. Tirada do profeta Ezequiel 47,1, a caminho da capela dedicada à cruz, o canto da antífona explicitava ainda mais o sentido batismal da procissão, pois foi do lado direito de Cristo crucificado que jorrou sangue e água<sup>57</sup>. O Cristo é o próprio templo donde jorra a fonte da vida. É Ele o lugar do culto verdadeiro, para onde o povo de Deus pere-

<sup>52</sup> *OR3*, p. 364.

<sup>53</sup> O batistério de Latrão possui algumas capelas laterais.

<sup>54</sup> *OR3*, p. 365.

<sup>55</sup> *OR3*, pp. 364-365; *CAO3*, p. 99.

<sup>56</sup> *CAO3*, p. 537.

<sup>57</sup> Cf. Jo 19,34. A exegese patrística interpreta os elementos que jorram do lado direito de Cristo em sentido sacramental, como sendo o Batismo e a Eucaristia. Cf. JEAN CHRYSOSTOME, *Huit catéchèses baptismales inédites*, ed. A. Wenger, Col. Sources Chrétiennes 50, Paris: Cerf, 1957, p. 143.

grina e sem o qual se perde. Na capela, após a chegada, entoavam o aleluia com o salmo 113. O sentido pascal do Salmo já apontava para o final da liturgia das vésperas batismais. A explícita referência ao Êxodo tornava o salmo o coroamento de todo o percurso, conferindo unidade à procissão a partir do sentido pascal. Repetia-se o salmo 94 como na capela de São João das Vestes e a mesma antífona, seguida da oração.

## **2. As Procissões batismais dos ofícios vespertinos dos séculos XI-XIV**

Os estudos comprovam uma decadência das vésperas batismais no século XIII. Contudo, é importante ter em mente que não se trata mais da mesma igreja. A procissão após o século XII parecia mais complexa, tendo também em vista as diversas modificações sofridas pelo edifício ao longo da história. Entre elas, a sua reconstrução por causa do terremoto sofrido em 896. Este destruiu boa parte da Basílica, restaurada por Sérgio III (904-911)<sup>58</sup>. A multiplicação de celebrações com visita às fontes foi grande neste período. O *OOL* relata a existência de muitos ofícios vespertinos marcados por essas procissões nos tempos especiais e liturgias festivas da basílica. Tais ofícios realizavam-se, por exemplo, no tempo do Advento<sup>59</sup>; quando a vigília de Natal caía no Domingo; no Domingo da oitava de Natal<sup>60</sup>; na festa do evangelista João<sup>61</sup>; na festa de São Silvestre<sup>62</sup>; na vigília e Domingo da oitava da Epifania<sup>63</sup>; nos Domingos da Quaresma<sup>64</sup>; da terça-feira ao sábado da oitava de Páscoa; nos Domingos de Páscoa<sup>65</sup>; no Domingo após a Ascensão<sup>66</sup>; na festa de Pentecostes e na semana seguinte<sup>67</sup>; na festa da Natividade de São João Batista<sup>68</sup>.

Com relação às Vésperas pascais do Domingo e da segunda-feira, o *OOL* apresenta uma novidade: o rito ficou reservado à cúria papal<sup>69</sup>. Os cônegos o retomavam com a mesma solenidade a partir da terça-feira da oitava de

<sup>58</sup> Cf. A. ILARI, *Costantiniana Arcibasilica in Laterano: Guida storico-bibliografica*, Roma: Laterano, 2000, pp. 13-14.

<sup>59</sup> Cf. *OOL*, p. 4.

<sup>60</sup> Cf. *OOL*, p. 9.

<sup>61</sup> Cf. *OOL*, p. 15.

<sup>62</sup> Cf. *OOL*, p. 16.

<sup>63</sup> Cf. *OOL*, p. 18.

<sup>64</sup> Cf. *OOL*, p. 22.

<sup>65</sup> Cf. *OOL*, pp. 88, 90-91. O estudo de S. de Blaauw traz um equívoco na 118ª nota de rodapé, onde indica a página 80, linhas 24-25 como sendo o texto que diz que o cabido não celebrava as vésperas pascais do Domingo de páscoa e da segunda-feira da oitava. A página correta seria página 88, linhas 24-25, cf. DE BLAAUW, "Cultus et Decor", p. 289.

<sup>66</sup> Cf. *OOL*, p. 104.

<sup>67</sup> Cf. *OOL*, p. 109.

<sup>68</sup> Cf. *OOL*, p. 142.

<sup>69</sup> Cf. *OOL*, pp. 88, 92.

Páscoa. A descrição dá a entender que existiam variações entre a liturgia papal e a liturgia dos cônegos. A segunda-feira também comportava diferenciações entre os dias feriais e o sábado da oitava. Segundo S. de Blaauw, estes ofícios estavam incluídos no quadro das liturgias estacionais. Por isso mesmo, o Papa se fazia presente<sup>70</sup>. O ponto de reunião não era mais o lugar da cruz, como estação inicial, mas a capela de São Tomé, donde se iniciava a procissão de entrada solene do bispo de Roma<sup>71</sup>, isto é, no Domingo de Páscoa e na segunda-feira da oitava. Nestas ocasiões, os cônegos rezavam na capela de São Pancrácio.

Na liturgia dos cônegos não se menciona mais o ponto de partida, nem diante da cruz e nem em outro lugar, mas somente se descreve a salmodia na igreja maior<sup>72</sup>, o que pode ser indício de que esta estação começa a perder sua importância. Eram entoados os salmos 109, 110, 111, com antífonas antes e depois de cada salmo, sem mencionar quais. Durante os salmos dava-se a incensação dos altares, do clero e do povo. Após a terceira antífona os cantores iniciavam o gradual “Este é o dia”. Depois se iniciava a antífona do *Magnificat* que era cantada antes e depois do cântico. Concluía-se com a oração do Domingo. Dois religiosos cantavam o “Bendigamos ao Senhor”, sem “Aleluia”.

A procissão às fontes se dava do coro para o batistério enquanto se entoava o salmo 112<sup>73</sup> com antífona matutina. A procissão tinha à frente a cruz, candelabros, turíbulo e livro de oração. Passando defronte ao altar-mor todos o reverenciam, indo por uma passagem que dava acesso ao Batistério, chamada *porticus obscura*. Por ela se chegava às fontes onde se executavam salmos. Provavelmente o que restava dos salmos 112 e 113, com antífonas. Ao final, o presidente fazia uma oração voltado para a fonte batismal, mas o cortejo não seguia adiante, até a última estação. Somente no sábado, o cortejo seguia até a capela de Santa Cruz. Terminada a última estação, os cônegos retornavam ao claustro<sup>74</sup>. Neste dia, a procissão às fontes incluía elementos como salmos feriais com “aleluia”<sup>75</sup>, o verso “Fica conosco, Senhor” e no *Magnificat* a antífona “E se recordaram”. Terminadas as vésperas, o cantor iniciava o responso batismal “Estas são as novas ovelhas”, seguindo todos para as fontes pelo caminho da *porticus obscura*. As portas da fonte eram abertas e após o responso fazia-se uma oração. Seguía-se depois para a capela de Santa Cruz, cantando a antífona “Cruificado na carne”, responso, oração e “Santa Maria” na sequência<sup>76</sup>.

<sup>70</sup> Cf. DE BLAAUW, “Cultus et Decor”, p. 309.

<sup>71</sup> Cf. *ibid.*, p. 309, nota 224.

<sup>72</sup> Cf. *OOL*, p. 88.

<sup>73</sup> O ritual prescreve “se houver batismo”, observação que situa melhor o salmo processional.

<sup>74</sup> Cf. DE BLAAUW, “Cultus et Decor”, pp. 290, 309-310.

<sup>75</sup> A transcrição do manuscrito dá a entender que falta alguma parte do texto, cf. *OOL*, p. 91.

<sup>76</sup> Cf. *OOL*, p. 91.



## 2.1. O sentido da procissão que brota dos textos

Os salmos do Ofício vespertino eram praticamente os mesmos dos séculos VII-XI, excetuando-se o Sl 92 que não é mencionado<sup>77</sup>. As antífonas matutinas que abriam e encerravam os salmos são mencionadas, mas não foram transcritas<sup>78</sup>. Pode ser que se cantassem como antífona os aleluias<sup>79</sup>. O responsório “Este é o dia que o Senhor fez: exultemos e alegremo-nos nele, aleluia”<sup>80</sup>, exprime a nova criação inaugurada com a ressurreição de Jesus. A procissão ao batistério era acompanhada pelo salmo 112, “Louvai, ó Servos do Senhor”. Os neófitos faziam parte da procissão, o que faz perceber o contexto iniciático das Vésperas pascais. Convém recordar os versículos 7-9 que explicitam a participação dos neófitos: “Levanta do chão o fraco, e do lixo ele ergue o pobre: para colocá-lo em meio aos príncipes, com os príncipes do seu povo. É Ele quem faz a estéril morar em casa, qual mãe alegre pelos filhos”<sup>81</sup>. Em sentido batismal, este salmo recordava a dignidade dos novos cristãos, que pelo Batismo foram feitos príncipes com os demais filhos de Deus. Estes, de pé, tinham sido erguidos e caminhavam para as fontes onde, para Deus, a mãe Igreja, alegre e fecunda, dava à luz os cristãos<sup>82</sup>. O salmo ressoava o cântico de Maria que já havia sido entoado na igreja maior: “e elevou os humildes”<sup>83</sup>. Junto ao batistério o salmo 113 ressaltava o caráter batismal do rito, como memorial do novo Êxodo, ao ser cantado durante o deslocamento processional: “Israel em partida do Egito”.

No sábado, já tendo os neófitos se despojado de suas vestes brancas, o responso “Fica conosco, Senhor, aleluia, aleluia. V. Pois está escurecendo, e o dia já declina. – aleluia”<sup>84</sup>, tomado do evangelho de Emaús<sup>85</sup>, fazia ecoar na celebração a súplica dos dois discípulos no entardecer. Este responso adquiria um sentido sacramental ao ser entoado durante o ofício vespertino, pois tanto o tempo quanto as procissões realizavam, de algum modo, o encontro com o Ressuscitado. A antífona do *Magnificat*: “E recordaram-se de suas palavras; e voltando do túmulo, anunciaram todas essas coisas

<sup>77</sup> A análise dos salmos já foi explicitada acima. Com as antífonas “*Alleluia, alleluia, alleluia, alleluia*”, sobressaem o aspecto vitorioso e alegre da páscoa, mas diminui-se a riqueza bíblica.

<sup>78</sup> Cf. *OOL*, pp. 76-77.

<sup>79</sup> Cf. *CAO3*, p. 38.

<sup>80</sup> *Corpus Antiphonarium Officii 4 – Responsoria, versus, hymni et varia*, ed. R.J. Hesbert, Col. Fontes 10, Roma: Herder, 1970, p. 201. (A partir de agora citado pela sigla *CAO4*.)

<sup>81</sup> O texto do salmo coincide com a Vulgata Clementina. Cf. *Biblia Sacra. Iuxta Vulgatam Clementinam. Nova editio*, ed. A. Colunga e L. Turrado, Col. BAC 44, Madri: La Editorial Catolica, 1959, pp. 578-579.

<sup>82</sup> A fonte batismal sempre foi comparada ao útero materno da Igreja.

<sup>83</sup> Lc 1,52.

<sup>84</sup> *CAO4*, p. 282.

<sup>85</sup> Cf. Lc 24,29.

aos onze, e também aos demais, aleluia. V. Louvai o Senhor crucificado, por vós sepultado, glorificai o ressuscitado dos mortos, adorai, aleluia<sup>86</sup>, tirada do evangelho de Lc 24,8-9, recordando o sepulcro vazio, anunciava a vitória de Cristo sobre a morte. Associada ao *Magnificat* tornava-se anúncio das maravilhas operadas por Deus, proclamada no louvor e adoração de toda a Igreja que se reconhecia beneficiada pela ressurreição. Seguiu o responsório que acompanhava o trajeto até o batistério: “Estas são as novas ovelhas que anunciavam aleluia: tão logo passaram pelas fontes, ficaram repletos da claridade, aleluia, aleluia<sup>87</sup>. O responso remete à renovação pascal do Batismo e diretamente aos neófitos que passaram pelo sacramento da iluminação. Eles cantavam aleluia, porque pelo Batismo fizeram a experiência da ressurreição. Do batistério seguiam para a capela de Santa Cruz, cantando “Louvemos quem na carne foi crucificado, glorifiquemos quem por nós foi sepultado e vinde, adoremos, quem da morte ressurgiu, aleluia, aleluia, aleluia<sup>88</sup>. Da fonte batismal para a capela de Santa Cruz, o canto da antífona que acompanhava a procissão recuperava o itinerário da Páscoa: sepultura e ressurreição. Convidava ao culto daquele que fez da Páscoa um caminho e que inseriu seus escolhidos em seu trajeto pascal.

### **3. O espaço celebrativo – da Basílica de Latrão ao Batistério**

Mapear as procissões às fontes na Basílica é tarefa árdua, pois se trata praticamente de dois edifícios: um anterior e outro posterior ao terremoto de 896. O atual edifício conta ainda com inúmeras reformas e sobreposições artísticas que escondem as formas mais antigas. O percurso das procissões foi bastante alterado de um período a outro. Dentre as estações sobressai a fonte batismal. O edifício do batistério continua de pé e, embora conte com sucessivas reformas que desfiguraram seu aspecto original, pode-se perceber pela sua magnitude, a importância que se dava na Igreja antiga ao sacramento do Batismo. Sua importância era ainda revelada pelos salmos cantados no seu entorno, em dois coros, pelas orações pronunciadas pelo presidente voltado para as fontes<sup>89</sup>, pelo deambulatório onde permaneciam os participantes e pelos cantos, em sua maioria de caráter batismal.

O batistério, em si mesmo, contém uma magnífica simbologia: a forma octogonal da piscina batismal e das paredes externas que remetem diretamente ao oitavo dia, o dia do Senhor. No deambulatório que circunda a piscina batismal lê-se, no alto das doze colunas, uma inscrição atribuída à Sisto III<sup>90</sup>:

<sup>86</sup> CAO3, p. 208.

<sup>87</sup> CAO4, p. 253.

<sup>88</sup> CAO3, p. 115.

<sup>89</sup> Cf. OOL, p. 89.

<sup>90</sup> Há quem atribua tal inscrição a Leão Magno. Cf. *Antologia Litúrgica*, nota 2, p. 997.

Aqui nasce para o céu, de uma semente pura, um povo sagrado, que o Espírito gera fecundando as águas.

A Mãe Igreja concebe por inspiração de Deus e dá à luz pela água, os que nasceram de semente virginal.

Esperai o Reino dos Céus, vós que renascestes nesta fonte: a vida feliz não é para aqueles nascidos uma só vez.

Esta é a fonte da vida, que purifica o mundo inteiro, brotando das chagas de Cristo.

Mergulha na água santa, ó pecador, e serás purificado: a água recebe-te velho e devolve-te renovado.

Se desejas ser puro, purifica-te neste banho, quer te aflija o pecado dos primeiros pais, quer o próprio pecado.

Para os que renasceram não existe discriminação nenhuma: são uma só coisa, graças a uma só fonte, um só Espírito, uma só fé.

A ninguém atemorize o número ou a natureza dos seus pecados: quem nasce desta água será santo<sup>91</sup>.

A capela de Santa Cruz, fundada sob o pontificado do Papa Hilário (461-468), e construída em forma de cruz, foi destruída em 1588. As descrições retratam uma construção bela e de muito bom gosto, ligada ao batistério<sup>92</sup>. Em geral era a última estação das vésperas mais solenes e no período entre os séculos VII e XI, fazia com a primeira estação, realizada diante do crucifixo, uma espécie de moldura de toda a celebração e também uma recordação da morte redentora de Cristo.

### ***Conclusão: lições do passado para um presente desafiador***

Muitas perguntas surgem do conhecimento dessas fontes: quando essas celebrações deixaram de existir? Por que deixaram de existir? Por que o artigo 213 foi introduzido no texto da *IGLH*? Qual a importância eclesial de tais celebrações? Qual a relação destes ofícios com o processo da iniciação cristã? O que significavam pastoralmente? Como participavam os fiéis? Qual a relação destes ofícios com os antigos ofícios de catedral? Seria o artigo 213 uma forma provocativa de se recuperar na Igreja latina tais ofícios? As perguntas, fáceis de formular, nem sempre são fáceis de serem respondidas. Requerem um minucioso estudo histórico-litúrgico... Entretanto, pode-se assumi-las em forma de estímulo e provocação para um

<sup>91</sup> Cf. SISTO III, "Inscrição no Batistério de São João de Latrão", in *Antologia Litúrgica*, 4200a, p. 977.

<sup>92</sup> Cf. DE BLAAUW, "Cultus et Decor", pp. 133-134.

resgate de tal celebração, ou mesmo para aprofundar pastoralmente seus desdobramentos.

*Primeiro estímulo-provocação.* Hoje quem visita o batistério de São João de Latrão, em Roma, se depara com uma visão que oscila entre o fascínio e a decepção. De um lado, a majestosa edificação ainda testemunha o que significou o Batismo para os primeiros séculos da Igreja. Doutra, ao ver a grande piscina batismal transformada em pequena capela, com uma pia de pedra ao centro e entulhada de cadeiras plásticas<sup>93</sup>, pode perguntar-se: qual é o lugar que se dá hoje à celebração do Batismo em nossa Igreja? Corresponde, ao menos, àquilo que afirmam os documentos, os estudos teológico-litúrgicos, as descobertas históricas? Estes mais fazem envergonhar a tímida e desprovida Pastoral da Iniciação que se vê hoje em dia. As edificações, grandes ou pequenas, não preveem um lugar digno para o Batismo. Quando isso ocorre, “a teologia” que permeia as mentalidades e ações não sabe reconhecer o significado pastoral, espiritual e existencial de uma experiência de iniciação profunda, bem celebrada, como porta de entrada para uma vida autenticamente cristã. Um exemplo: similar espanto se tem quando, ao lado de uma fonte batismal digna (já existem construções que felizmente edificam bons e belos batistérios), se depara com uma bacia de plástico com água...

*Segundo estímulo-provocação.* Faz-se necessário pensar nas comunidades cristãs que em meio às dificuldades e lutas, sequer têm espaço para celebrar. Tais comunidades, entretanto, gostam de se reunir para rezar, celebrar sua fé, muitas vezes na forma do Ofício Divino das Comunidades, versão inculturada da Liturgia das Horas no Brasil. Reúnem-se nas casas, nos salões onde celebram a missa, nos encontros e ocasiões festivas em que não falta a Oração da Igreja. Ainda que sem o edifício de cimento e tijolos, o Templo constituído de pedras vivas se faz presente. Este pode, sim, cultivar uma espiritualidade batismal, através de tal celebração, até que possam edificar seus espaços celebrativos com a dignidade que merecem<sup>94</sup>.

*Terceiro estímulo-provocação.* Não sejam os espaços litúrgicos históricos, ou as construções caras e intocáveis, impedimento para celebrar um Ofício da Tarde com visita às fontes. A criatividade e o estudo podem ajudar

<sup>93</sup> A cena é triste: as majestosas colunas circundam a piscina batismal, com oito lados, tendo ao alto a inscrição batismal acima citada. As imagens dos cervos de metal recordando o Sl 41,2, das quais se vertiam água para a piscina parecem estar perdidas em meio à “nova configuração”. O estado de conservação do batistério é lamentável. Algumas capelas laterais foram transformadas em sacristia, ou, em lugar de exposição de artesanato, sem nenhuma distinção para a sacralidade do espaço e para o significado original deste edifício, que pertence ao conjunto arquitetônico daquela que é considerada a Mãe das Igrejas do Ocidente. É possível, entretanto, reconhecer, com algum conhecimento e esforço, que outrora o Batistério significou mais na vida da Igreja.

<sup>94</sup> Em *Revista de Liturgia* 37 (2011/n.224) 17-20 encontra-se uma proposta adaptada de uma celebração de vésperas pascais com procissão às fontes.

neste caso. Muitas igrejas históricas trazem, logo à entrada, um pequeno batistério. Mantiveram a noção de que o Batismo é a porta de entrada para a vida cristã. Outras comunidades, diante das Igrejas, conservam o cruzeiro, como sinal da vitória de Cristo sobre a morte, que bem poderia servir, com o batistério e a nave, de estações para a procissão como foi acima descrita. A verdadeira criatividade sabe adaptar uma celebração, sem perder o vínculo com a tradição da Igreja e considerando o contexto próprio, com bom senso e bom gosto.

Por fim, de volta ao artigo 213 da *IGLH*, se reconhece ser impossível entender a Procissão às fontes nas Vésperas pascais sem conhecer os antigos testemunhos, que remontam desde o *OOL*, aos ofícios do tempo da peregrina Egéria, em Jerusalém. De lá para a Igreja de Roma, celebrado pelo cabido ou pela corte papal, ou quiçá em outras Igrejas, o ofício sofreu adaptações, acréscimos e cortes sem, contudo, perder o sentido pascal, batismal e comemorativo das aparições do Senhor aos discípulos. Todos esses elementos continuaram presentes nas antífonas, responsos e no espaço celebrativo.

O incentivo “consERVE-se com o maior empenho, onde estiver vigorando”, soa estranho aos ouvidos, pois não se tem notícia de que tal celebração ainda se realize em algum lugar. Contudo, outra discussão nasce sobre a possibilidade de se celebrar hoje este rito. Evidentemente não na forma exata que os testemunhos relatam. Torna-se necessário fazer o que ensinam os antigos: adaptar às condições atuais, com inteligência e coragem, o que pode ser uma forma celebrativa válida e enriquecedora da liturgia da Igreja. Convém que seja celebrado pelos mesmos motivos que, ao que parece, eram caros aos antigos: recordar as manifestações do Senhor e recordar a dignidade que o Batismo confere aos cristãos.

**Danilo César dos Santos Lima** é presbítero da Arquidiocese de Belo Horizonte. Mestre (2010) e doutorando em Sagrada Liturgia pelo Pontifício Instituto Litúrgico Santo Anselmo (Roma), é professor de liturgia no Instituto Dom João Resende Costa (PUC MG). É ainda assessor da Comissão Arquidiocesana de Liturgia da Arquidiocese de Belo Horizonte, membro da Comissão Episcopal Pastoral para a Liturgia da CNBB e membro da Celebra, Rede de Animação Litúrgica. Colabora em diversos periódicos com artigos de cunho pastoral.

**Endereço:** Rua Inhaí, 76  
(Bairro Santa Cruz)  
31150-250 *Belo Horizonte* – MG  
e-mail: danidevictor@gmail.com